



“LUNETAS” e “Monóculos” — uma época para recordar:
 “A Vidraça” era ontem o que hoje é a “Sociedade” dos
 “aghás” — Rápidos perfis de Colombina, Franzi,
 Musmé e Suzy. Correio Popular, Campinas, 04 set.,
 1956.

“A Vidraça”, que aqui vêdes e ledes, é a realização de um projeto nosso, nascido, como todos os nossos projetos, num repente, e num repente decidido e combinado.

Guardamos, de todas as festas que temos realizado, apenas as fugazes, incompletas notícias de alguns jornais, para não falar da lembrança doce desses certames, gravadas em nossa memória.

Mas, quanta coisa original e agradável, quanta cena divertida e risonha não pusemos a adornar os nossos programas e que só se conservam, como uma impressão tênue, na memória dos nossos amigos?”

Resolvemos então nós, da “Sociedade” dos “aghás”, com a sempre desinteressada colaboração da veneranda Tia Henriqueta (ah! se não existisse tia!) apresentar uma coletânea de impressões das Lunetas e dos Monóculos.

LUNETAS E MONÓCULOS, eram dois grupos fundados na segunda década deste século XX, constituídos de rapazes e moças da elite social campineira, contando, o dos Monóculos, entre outros, advogados, acadêmicos, farmacêuticos, dentistas, funcionários, capitalistas, professores... e fazendeiros”.

Grande parte das biografias de Lunetas se deve à colaboração de Lunetas; o mesmo com relação às biografias dos monóculos. A diversidade de estilos, em várias passagens, acusa, aliás, essa diversa contribuição.

A veneranda Tia Henriqueta não pode prescindir da colaboração de FANTOMAS e origina-

nais do saudoso SCHAUNARD.
ORA, DIBEIS, RECORDAR E VIVER...! RECORDEMOS, ENTÃO

COLOMBINA — A irriquieta Colombina é a “pouppée” do Grupo das Lunetas, e a irmanzi-nha sobre quem recaem tôdas as complacências, todos os carinhos de suas irmãs.

Não sabemos, ao certo, se já fez quinze janeiros, mas deve andar por essas alturas. Querida e distinguida assim de suas irmãs, ela se tem mostrado um pouco ingrata, não correspondendo como era natural, às predileções afetivas das amiguinhas. Colombina tem-se feito notar em ensaios e festas do garrulo bando pelo raríssimo comparecimento. E’ de uma assiduidade apontável, pois, ao que parece, só duas vezes surgiu em nossos proscênios, para avolumar o coro de sopranos com a sua apreziável voz de barítono.

Nem todos os profanos hão de dar razão a estes queixumes. A diretoria da Maternidade, por exemplo, há de querer atenuar-lhe a culpa de se fazer tão esquivada e tão rara, pois à Colombina deve a pia casa muito do que se apurou no festival do S. Carlos e na “matinée” do Club Campineiro, onde a destemida luneta investiu contra todos e contra todas, vendendo flores e programas por alguns contos de reis, apenas...

Entre os seus pecadinhos, de um sabemos que nos sugere grande curiosidade: o violento desamor, o odio cego que vota ao país da meia lua, não suportando em suas retinas o irritante reflexo dos Mahomed, Ali-Babá et caterva — com e sem turbante.

FRANZI — Quisera ser poetisa, para falar-vos dela e a fama sua.

“Cantando espalhariá em toda a parte —

Se a tanto me ajudasse engenhio e arte...”

Perdoai-me. A métrica forçou a preposição a meneio, para não deixar o verso com o abcesso de uma sílaba.

Mas voltando a Franzi. Não sendo poetisa de rimas, sou-o de

alma é coração, e é com enternecimento que sigo e observo a humanidade que chora e ri. Franzi é o riso, vibrante e claro, vivaz e fulgido, como o repicar de um sino de cristal tanguido por mãos de anjos. E’ uma silhueta nervosa e inquieta que, por tão agitada nas suas expansões de alegria, até parece elétrica — uma filha dupla, com alma e coração.

E que coração! E que alma! Artista, por excelência, em tôdas as artes se agita: — pinta, musica, poetisa, esculpe, dramática, canta, canta... Escreve versos de admirável simplicidade, toca violino, “con anima e fuoco”; caricatura com maestria, cantarola modinhas com leveza e graça; recita com garbo, dança com paixão; maneja a tesoura (a caseira...) com entusiasmo e com ímpetos de modista gregária.

Se nas farças em que ela colabora, os seus suspiros enternecem, os suspiros de açúcar que esta endiabrada Franzi manipula, chegam a enternecer tanto os paladares que, não é raro vemos os devoradores daquela iguaria celestial chorarem de gozo ao manduca-la!

Todo esse complexo de encantos, sabeis de que provam? Filha do Brasil, ela é bisneta da Itália; são os países do Sol. E esse só brilha-lhe nos olhos, nos lábios e na alma, irradiando em vida Poesia, Bondade, Doçura.

— Franzi, faz chorar o teu violino; mas tu, endiabrada figura da Despreocupação e da Alegria, ri, ri, sempre!

MYRTO — Deusa helenica da declamação e do canto.

Depois de coroada de louros no Olimpo, e de ter galgado entre hinos de vitória os degraus dos Propileus, após uma jornada triunfal na qual empolgara a admiração dos assistentes pelo fulgor das suas recitações — sofreu Myrtó o assedio de alguns semi-deuses insignificantes e as murmurações de várias semi-deusas invejosas.

Ela, porém, que sintetisa virtudes efetivas e atributos artísticos da maior riqueza e variedade, revoltou-se contra as insidias cortezãs do Peloponeso, e, fugindo à Intriga, à Inveja, à Falsidade que ali então imperavam sob as vestes faustosas, abrigou-se sob as azas de um albatroz generoso e com ele fez a travessia dos mares largos, reaparecendo nos nossos cenários sob as vestes prosaicas de uma caboclinha do Arraial dos Souzas.

A lembrança dos seus sucessos clássicos impele-a, porém, a bem maiores alturas. E Si Myrtó, luneta, como a “Nequinha do Arraial”, é apenas insinuante, como interprete de outros numeros de mais largo vôo é simplesmente magistral.

E, assim, apontam-na, Lunetas e Monóculos, como a encarnação, em vidraça, da deusa olimpica da Declamação.

A sobriedade espontânea dos seus gestos e das suas mutações fisionômicas, o vigor que recebe o verso parnasiano da sua voz, ora aveludada e fôfa, como um tapete de relvas, ora incisiva e penetrante, como uma trompa de guerra — alcandoraram esta desterrada dos Propileus a um fastígio desconhecido nos nossos salões.

O segredo dessa ascensão está em Myrtó, subindo tanto na escala da perfeição da arte de dizer, também requinta na arte de agradar, cultivando sempre carinhosamente a modestia, que é o seu mais rico e sedutor atractivo.

MUSME’ — Os dados para a biografia de Musmé foram trazidos da “terra do sol nascente”, por uma grande e competente autoridade, o professor Chamberlain.

Segundo nos diz esse sábio professor, Musmé nasceu em Yokoama, passando parte de sua infância em Tokio, ao lado de seus paes e de seus irmãos Taro, Ito e Kyoto.

Viveu sempre em niponica obediências aos paes e superiores, divertindo-se entretanto o mais que pode.

Até aos 20 anos, — idade em que as raparigas japonesas podem usar os mais lindos “kimonos”, os mais ricos “obis” e gozar todos os prazeres, — Musmé viveu bem, procurando não se desviar das leis impostas pelo Mikado; mas daí em diante ela já não se conformava mais com as leis de sua terra natal e aspirava a uma outra vida.

Foi então que, ouvindo dizer que bem longe, existia uma terra onde um grupo de moços e moças aliados, irmãos, passavam uma vida de risos e alegrias, Musmé decidiu partir, à procura dessa terra e agregar-se ao celebrado grupo.

Não foi coisa tão fácil, mas Musmé venceu todas as dificuldades e aos 25 de junho de 1916 conseguiu ver o seu nome entre os afamados vidraças.

Hoje não usa “kimonos”; deixou os grossos “tabis” e é luneta diseuse. A’s vezes lembra-se com saudades das canções de sua terra, mas ao ouvir o hino das Lunetas, esquece tudo e, apressada, corre a incorporar-se ao bando alegre e folgazão.

SUZY — Tipo de camponesa da Romania, sanguinea e clara, ela representa, em nosso meio eclético, uma velha e considerada estirpe estrusca, cujos ultimos rebentos — Suzy e sua irmã — se fizeram depositarios de aptidões artisticas as mais distintas e as mais variadas.

Mas, se irmãs nas predileções pelo belo cantado, pelo belo esculpido, pelo belo pintado, quanto ao carater — meu Deus! que diferençal!

Suzy é luneta de poucas falas e raras expansões: dir-se-ia que nunca pergunta. Sabe apenas responder

Ultimamente, á sua reserva de

“Lunetas” e “Monóculos” — uma época para recordar

“A Vidraça” era ontem o que hoje é a “Sociedade” dos “aghás” — Rápidos perfis de Colombina, Franzi, Myrtó, Musmé e Suzy, componentes do Grupo das Lunetas — Traços de Kioto, Fantomas, Pierrot e Dirceu, mem bros dos “Monóculos” — Quiseram isenção de impostos para abrir uma “Escola de Aviação” — Invadiram a residência de Rosemonde — Surpresa a Kioto e Gipsy; Kioto colhia nesse dia mais uma abóbora na haste da existência — Perdeu-se uma criança — Fantomas expõe no Teatro S. Carlos — “Flashes”

genio, adicionou um tom apreensivo que a tem tornado quasi impenetrável; e para dar largas a esse estado curioso passou a escrever no remanso do lar um poema que, segundo nos diz buliçosa Musmé, tem laivos de semelhança com a Ceia dos Cardeais, e até versos de uma tão adorável nostalgia como aqueles:

"Tão simples tudo! Amor que de rosas se enflora,
Em sendo triste, canta; em sendo alegre, chora!..."
Será alguma surpresa para a próxima festa das lunetas?
"Forse che si" - "forse che no..."

—x—
KIOTO — Porque isso, não sei, uma vez que seus olhos amendoados o aproximam pouco das "japoneries". Quando o pai lhe buscou um nome para o banho lustral na pia de água benta, redondo Jordão das igrejas, embora fervoroso ledor do Flos Sanctorum deu-lhe para patrocínio nome de antigo testamento. Mas ao que sei pensou bem pouco no tipo bíblico que abandonara o lar, o luxo, as vestes finas para nos longes dissipar a fortuna, vivendo luxuriosamente e retorceder mais tarde, cansado das colotas amargas, fazendo jus ao carneiro mais gordo, em banquete de recepção que a saudade paterna provera. Prodigio, dissipador, não é: ao contrário, rói as unhas para não gastar os dentes em viandas rijas e é mais caseiro do que um gato gordo de frade bem tratado. E o seu nome é o do filho prodigo...

Explica-se, Ponchinelli cantou essa personagem e das harmonias desse formoso "spartito" titou o pai de Kioto, frequentador de igreja e de líricos, o nome que lhe vem na fé do batismo e no livro de ponto da Beneficência, aí onde é agora neófito entre os tortadores graduados que se permitem chamar cirurgiões. E é um "verofiglio" prodigo na musica, porque sua bela alma tem expansões de cavatina, gorgeia tencrinando umas canções suaves, entende de solfas muito mais do que de sinapismos e sente superiormente os acordes do piano que ele sabe fazer vibrar como se lhe desprendessem dos dedos para as teclas pedações de coração.

E' o mais eficaz dos monóculos.

—x—
FANTOMAS — Foi o bom semeador, Kioto a terra boa. E em ser terra, nada há de extraordinário, porque todos nós somos terra — "memento homo quia pulvis es"; — o que é pouco comum é ser terra boa... Semeador e cultivador destes espécimes bizarros da flora intelectual. Fantomas vive a perscrutar os labirintos de sua imaginação excêntrica para daí tirar alguma coisa que, ao estourar nos círculos monoculátricos, retumba, obumbra e bestifique.

E' o homem das idéias "droláticas" e tantas têm sido as explosões da sua verve original, que todos se habituaram ao susto. Tornou-se, por isto, de tal forma conhecido e esperado, que hoje é difícil a Fantomas apanhar alguém de surpresa e o mais bizonho Jocelyn, á presença do fantasma, arregala os olhos, escancara a boca e dá o alarme de que aí vem coisa...

Ultimamente Fantomas deixou de ser excêntrico, para ser... romântico. Qualquer coisa lhe perturba o espirito, não possui mais aquela verve que o caracterizava, hoje é monóculo por conveniência e por... amor. Não sabemos ao certo se o presidente tem crime no cartório. Acreditamos, porém, que deva ter, a julgar pelo que consta e á pureza de se murmura; que o "seu" fantasma é a Oh! Julia, Julia Julia... criação fatídica que lhe legou inalienável remorso.

—x—
PIERROT — E' um curioso tipo de insubordinado. Pinto por divagação do espirito, nas suas multiformes tendencias artisticas — como poderia ter sido estatuario ou relojoeiro — meteu numa roda viva os gravatosos sujeitos convencidos que, na paca-

ta Florença, onde Pierrot estudou, pretendiam estabelecer regras e mandamentos de arte segundo o diametro das respectivas coleiras. Tanto os cubistas, pintores de futuro remoto (???) como os ovoides, pintores do pretérito imperfeito, que ali então residiam, viram no revolucionário americano uma ameaça nihilista contar as suas regras escolares e conspiraram contra Pierrot.

Mas o futuro Monoculo desdenhou as ameaças e proclamou bem alto a sua voraz predileção pela belas fromas á la nature, quer fossem curvas ou rombóides, como ensinaram os mestres classicos, com Donatello á frente, ou os candidos mestres românticos, com Carlo Dolci de perameio.

Esse desassombro na manifestação de uma idéa atraiu para o jovem Marcello a simpatia de mestres conspícuos que teriam feito dele conspícuo mestre si a conflagração européia, com o seu cortejo de horrores, não o expeditasse, franco-bollato, ao país natal.

Aqui teria Pierrot levado uma vida de capuchinho paciente, a reproduzir miniaturas de Watteau ou de outros fidalgos chefes da arte das meias côres, si os monóculos não sollicitassem frequentemente a colaboração do seu traço meticuloso, ou si o Centro de Ciências não lhe atraísse as tendencias belicosas com um ou outro pleito de grandes empenhos.

Atualmente, Pierrot não passa disto: desenhista impaciente de anjos e Vias Lactees lapidares e miliciano paciente do Tito 176, marcando passo á espera de um posto de furriel.

—x—
DIRCEU — E' homônimo do revolucionário da Escola Mineira. Difere do Poeta em não ser poeta, nem privar com as Musas que são nove. Em compensação tem duzias de Marílias que lhe povgam os sonhos candidos e arqui-castos.

Herdeiro das tradições e do nome do Caçador de Esmeraldas, não é caçador de coisa alguma: apenas, de vez em quando, uma estranha nostalgia o arrasta para os sertões de Mato Grosso.

E' talvez a lei fatal do atavismo que o puxa pela aba da sobrecasaca elegante, até as estradas que traçou o Avô bandeirante.

Defeitos, — E' galã dramático nas horas vagas, nas que não são vagas, diverte-se em selecionar arrobas do ouro verde do Paulistas.

CONSTA que os inseparáveis vidraças Schaunard e Friquet, representaram á Camara no sentido de lhes ser concedida dispensa de impostos para montarem uma "Escola de Aviação". Esta noticia, no entanto, parece-nos que não passa de malevolento canard, pois se Schaunard, no genero, é "sportman" amador, o rubincudo apache há muitos meses que tem as azas aparadas, impossibilitado portanto de voar, principalmente sobre perigosos despenhadeiros.

—x—
ROSEMONDE viu a sua residência invadida, no dia 19 de fevereiro, pela turba garrufa e engalanada das suas filhas lunetas e da hoste sempre bem disposta dos monóculos que ali foram saudar a illustre vidraça honoraria pelo seu aniversário natalicio. Tia Henriqueta anotou a presença de Franz, Nedda, Marília, Mignon, Gipsy, Inaira, Arlequinette, Gigetta, ao lado de Kioto, Schaunard, Pierrot, Fantomas, Rocambole, Pop, Friquet e Fragon, este ultimo escalado para as agruras de porta-voz dos votos gerais de felicidade da grei monocular. Alí já se encontravam, Butterfly, Suzy, Margot e Ofélia, que disfarçavam o seu tradicional donaire sob o traje elegante de garçonettes d'honneur.

—x—
KIOTO E GIPSY foram surpreendidos na noite de 27 de fevereiro, por uma carinhosa manifestação de seus irmãos. Kioto colhia nesse dia, mais uma abóbora na haste da existencia e

Gipsy festejaria no dia 1.º de março mais um aniversário.

Os monóculos e as lunetas festejaram, de uma só vez, as datas natalicias. Myrtô saudou Gipsy, em graciosa alocação e Pierrot cantou o elogio historico de Kioto.

—x—
"Five ó klok tea" chez Dr. Antonio Lobo isto é, no maior reservatório de vidraças ativas e prestantes do nosso gremio.

—x—
PERDEU-SE, na 3.ª feira de Carnaval, nas proximidades do Clube Campineiro uma interessante criança, do sexo masculino, vestida de "apache", com um vistoso grain de beauté autentico, na parte noroeste do pescoço e costeletas falsas nos maxillares oriental e occidental. Atende pelo nome de Rocambole, mas é muito docil de maneiras e não morde. Quem souber de seu paradeiro e der noticias será bem gratificado.

—x—
FANTOMAS expõe ao público no saguão do Teatro São Carlos e exporá na vitrina da Casa Alemã posteriormente sua já celebre coleção de caricaturas.

Criticas: Se o Fantomas estivesse um dia (do que Deus o guarde) ameaçado de fome, por falta de emprego, poderia ganhar folgadoamente a vida instalando-se numa zona central da cidade com a tentadora reclame de "Tailleur pour dames..."

GRUPOS ALIADOS

Haviam dois grupos formados pelas moças e rapazes da segunda década do século, o das "Lunetas" e o dos "Monóculos".

Tia Henriqueta depois de muita instância resolveu fornecer aos seus endiabrados e insuportáveis sobrinhos os "aghás" a lista dos componentes desses grupos. E nós mesmo antes dos "Arquivos Secretos" da veneranda tia publicamos para vocês. Ei-los:

Fantomas (C.C.M.) chefe, Pierrot (R.F.M.) vice-chefe, Friquet (A.L.S.) secretario, Franz (E.A.) secretaria da Fazenda e Schaunard (P.A.L.) diretor artistico.

Kioto (A.A.L.), Bizet (E.L.N.), Pop (O.N.), Dirceu (J.C.B.P.L.), Paganini (A.P.S.), Fragon (A.L.B.J.), Tontolini (J.F.G.J.), Jocelyn (M.U.C.), Blasco (O.M.M.F.), Mischa (A.M.), Bigodinho (M.S.R.), Danilo (L.M.), Dagoberto (H.C.B.), Fagundes (R.C.C.), Semanito (J.F.G.R.), Heinrich (H.A.F.), Rocambole (V.L.P.B.), Catullo (R.P.B.), Thompson (E.L.) e Patapio (A.U.C.) eram os Monóculos. Do Grupo das Lunetas faziam parte: Gipsy (S.A.L.), Nedda (A.E.A.L.), Myrtô (O.M.), Suzy (S.F.C.), Butterfly (S.F.C.), Lolita (M.R.M.), Chaminade (Y.R.M.), Inaira (H.A.), Mignon (R.A.L.), Manon (E.A.L.), Gigetta (N.C.C.), Santuzza (O.C.C.), Mourita (M.E.P.), Gaby (P.V.), Musetta (V.S.M.), Gioconda (O.S.M.), Colombina (S.B.P.L.), Margot (N.P.), Marília (Ch.F.G.), Arlequinette (E.B.O.), Musmé (S.S.M.), Nilton (E.E.S.A.) e Ofélia (O.W.). E não faltavam sequer os "patronos" e a "patronesse", que eram: Clodoveu (P.L.), Mallet (P.A.) e Marinoni (A.B.C.M.) e Rosemonde (Mme. M.A.F.C.).

